

JARDINS PORTÁTEIS: Mapeando os jardins na arte

Ana Paula Azevedo Barbosa¹

Eduarda Azevedo Gonçalves²

RESUMO

Este artigo tem como proposição mapear algumas questões em torno da idéia de jardim no meu trabalho artístico e em outras produções artísticas, tendo em vista, o desenvolvimento da pesquisa em poéticas, desenvolvida no Mestrado em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. As questões são oriundas do trabalho de Conclusão de Curso, assim como de procedimentos adotados recentemente. Para isso, escolhi algumas obras que tangenciam o conceito de jardim, tais como o *Jardim Secreto* de Melissa Flôres, *Prosa de Jardim* de Helio Ferverza e Maria Ivone dos Santos e os *Jardins de Monet* em Giverny. A partir destas referências faço uma reflexão a cerca de meu último trabalho exposto na Galeria “A Sala” do Centro de Artes/UFPel, intitulado “Em torno do jardim”. Levando a este lugar amplo, impessoal, onde as pessoas circulam distantes entre produções artísticas, um pouco de movimento, vida e aconchego.

Palavras-chave: Poéticas visuais, Jardim, Jardim portátil.

As páginas que se seguem são uma tentativa de mapear questões dentro de idéias de jardins manifestadas, elaboradas e refletidas por alguns artistas na história e na atualidade. Existem diversos tipos de jardins, que se diferenciam por suas características e funções. As concepções destes jardins surgiram como fruto de um pensamento intelectualista do homem, eles aprenderam formas de manipular e dominar a natureza para sua sobrevivência e usufruto. Também da necessidade de um retorno a natureza, do reencontro do homem consigo mesmo, uma tomada de consciência de seu lugar no mundo, assim como Giulio Carlo Argan (1992) afirma que: “A natureza não é apenas fonte de sentimento; induz também a pensar, especialmente na insignificante pequenez do ser humano frente à imensidão da natureza e suas forças.”

¹ Artista plástica, Mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa: Processos Criativos e Poéticas do Cotidiano. Email: (anatererra.ceramica@gmail.com)

² Orientadora e revisora do artigo, doutora em poéticas visuais, artista plástica professora do Curso de Graduação e do Mestrado em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel, coordenadora do projeto de pesquisa Deslocamentos, observâncias e cartografias contemporâneas. Email: (dudagon@terra.com.br)

A etimologia hebraica da palavra jardim une *gan* que significa proteger, defender, a *éden* cuja significação é deleite, encantamento, satisfação, daí vem a idéia de Jardim do Éden. Também a etimologia da palavra refere-se a "algo fechado", uma vez que teria origem no radical *garth*, proveniente das línguas nórdicas e saxãs, que significa "cintura ou cerca"³. As histórias e mitos contam que os jardins já eram cercados desde a Mesopotâmia, como os Jardins Suspensos da Babilônia.

O exercício da jardinagem brota com as primeiras civilizações. Na Mesopotâmia foram construídos os Jardins Suspensos da Babilônia considerados uma das sete maravilhas do mundo, com a qualidade de transcender o arquitetônico sobre o natural, considerados mestres em técnicas de irrigação e drenagem. No antigo Egito os jardins eram desenvolvidos de acordo com a topografia do Rio Nilo, seguindo planos horizontais, tinham uma simetria rigorosa. O povo persa introduziu maior liberdade na confecção dos jardins e as flores perfumadas. Para os gregos, a principal característica dos jardins era a simplicidade, embora a forte influência dos jardins egípcios. Os romanos criaram jardins metódicos e ordenados, integrando-se as moradias. Na China e Japão, a tarefa do jardineiro limitava-se a ordenar o já existente. Já na Idade Média, com a construção de várias igrejas e mosteiros, o verde foi praticamente eliminado da vida urbana, restringindo o cultivo ao uso funcional com ervas medicinais, hortaliças, ou flores para altares das igrejas (BARCELOS, s/d).

Desde os séculos 16 e 17, os jardins vem sendo formados e cultivados com intenções e características que se alteram a cada época e cultura. Há em sua formulação um envolvimento mitológico e estético com a natureza (SEGANA, 1995). Os jardins nestes dois séculos foram construídos a partir de "idéias que alimentaram a formação de um significado peculiar para estes recantos urbanos, do ponto de vista de uma nova visão sobre a natureza" (SEGANA, 1995, p.21). Período que se "evidenciou pela criação de jardins públicos na Europa, América e de uma nova mentalidade no mundo ocidente" (SEGANA, 1995, p.21). Segundo Segana, entre os acontecimentos marcantes desse tempo, tem o que se convencionou chamar de "revolução científica". A

³ Fonte de consulta: <http://origemdapalavra.com.br/consultorio-etimologico/>

natureza deixava de ser um princípio tautológico, para configurar um corpo construído por fenômenos quantitativamente mensuráveis (ROSSI *apud* SEGANA, 1995, p.22).

No entanto, nem tudo são “flores”, como conta Simon Schama, para alguns historiadores, “foi no Renascimento e nas revoluções científicas dos séculos 16 e 17 que condenaram a terra a ser tratada pelo ocidente como uma máquina que nunca quebraria, por mais que o homem usasse e abusasse.” (SCHAMA, 1996, p.23). Desde o início da história o homem se relacionou com a natureza venerando-a e transformando-a, as terras foram exploradas, manipuladas, exauridas, tomadas. “Antes [das invenções para aprimorar a agricultura] o homem fazia parte da natureza; agora ele explorava a natureza” (WHITE *apud* SCHAMA, 1996, p.23).

“Contudo não é apenas a natureza racionalizada que está por trás das possíveis explicações da origem dos recantos ajardinados” (DEBUS *apud* SEGANA, 1995, p.22). Para alguns sábios como Galileu, Descartes, Newton, entre outros, “a magia, a alquimia e a astrologia foram não menos estimulantes que o novo interesse pela abstração matemática, a observação, a experimentação” (DEBUS *apud* SEGANA, 1995, p.22). Naquele momento se misturavam o racional e o irracional, o natural e o sobrenatural. O prazer e a técnica, faziam juntos parte desta construção.

“A natureza incorporava-se gradativamente ao cotidiano: no final do século 17, o cultivo de árvores, flores e jardins tornava-se um hábito comum à população urbana” (THOMAS *apud* SEGANA, 1995, p.29). Junto com o gosto ornamental, o jardim readquiria características da antiga tradição: a terra adornada por admirável vegetação e animais, refletindo os mitos como o Éden, ou lugar de espiritualidade, como o Getsêmane. “Na literatura pós-reforma inglesa, ressuscitava-se a visão da mata como local de privacidade e meditação, o jardim fechado como símbolo de repouso e harmonia” (SEGANA, 1995). Seja por uma questão de aproximação com Deus, privacidade, repouso ou deleite, as pessoas foram aproximando a natureza de suas casas, cidades e de suas vidas. Simon Schama (1996, p.21) acrescenta que:

[...]a vida campestre devia ser valorizada como um corretivo moral contra os males da corte e da cidade; pelas propriedades medicinais de suas plantas; pelas associações cristãs de ervas

e flores; e sobretudo, por sua proclamação da estupenda benevolência do Criador.

Na arte o *jardim* adquiri outros sentidos. No fim do século 19, o artista Claude Monet⁴ (1840-1926), uma das figuras mais importantes do movimento impressionista, gostava de retratar e achava importante mostrar cenas do dia a dia e temas comuns em suas pinturas, como barcos em um lago e jardins. Depois de trabalhar muito para que as pessoas apreciassem seu trabalho, finalmente foi reconhecido. Em 1883 foi morar na cidade francesa de Giverny, onde criou e construiu belos jardins por toda propriedade, além da cor, Monet era apaixonado pela jardinagem, e montou seus *Jardins* como verdadeiras obras, que serviram também como modelo para suas pinturas. O artista gostava de pintar ao ar livre e “congelar a cena”, o vapor e umidade saindo de uma locomotiva, a luz do sol incidindo sobre as plantas e água. Nestes *jardins* podia montar a cena como quisesse, juntava em seu terreno peças e plantas de todos os lugares compondo de forma a satisfazer sua idéia de estética para então poder pintá-las.



Imagem do *Jardim de Monet* em Giverny

⁴ <http://www.fondation-monet.fr/fr/>



Imagem do *Jardim de Monet* em Giverny



Monet em seu ateliê em Giverny

Atualmente, alguns artistas vêm incorporando em suas proposições *jardins* como arte, de forma a inserir atividades do dia a dia em suas poéticas. Hoje, dependendo do contexto de cada artista, podem agregar outros significados.

A proposição *Prosa de Jardim 2*, dos artistas gaúchos Hélio Ferverza e Maria Ivone dos Santos, que vivem e trabalham em Porto Alegre no Rio Grande do Sul, “articula tempos e memórias a espera de um espaço de partilha”, segundo as próprias palavras da artista Maria Ivone (2008). Eles trabalham articulando impressões colhidas em situações que se apresentam em suas rotinas, e delas extraem conversas, imagens, reflexões a partir de suas vivências em um bairro de Porto Alegre, provocando pausas e questionamentos sobre o devir urbano (FERVENZA, 2008). Na exposição deste trabalho feita no Museu de Arte de Joinville, os artistas puderam ampliar as questões presentes na antecedente *Prosa de Jardim* realizada em Montenegro-RS, no ano de 2007.



Imagens da proposição *Prosa de Jardim 2* de Maria Ivone dos Santos e Hélio Ferverza



Atenho-me também a obra de Melissa Flôres, artista nascida em Marau-RS, que atualmente vive e trabalha em Porto Alegre-RS. A artista chama suas proposições de ocorrências, e em seu livro de produção independente intitulado *Ocorrências Secretas*, esta descrito o trabalho *Jardim Secreto*, o qual acrescento neste mapeamento de Jardins de artistas.

O *Jardim Secreto* de Flôres é resultado de caminhadas por parques e praças da cidade de Porto Alegre desde novembro de 2007, sem itinerário ou cronograma pré-estabelecidos, onde a artista distribui envelopes com sementes de flor. Estes envelopes foram confeccionados especialmente para esta ação e “contém instruções detalhadas para o plantio e cultivo de uma flor de jardim, omitindo, contudo, a espécie contida em seu interior” (FLÔRES, 2010). Segundo relato da artista, esta ação provocou diversas surpresas e situações após a abordagem e entrega dos envelopes, ao longo de suas caminhadas. As pessoas aceitavam sorridentes os envelopes com sementes, e não houve nenhuma pergunta ou comentário a respeito da origem do trabalho, somente em relação a planta e onde deviam plantar: “-Por favor, só me diga uma coisinha, devo plantar em um espaço grande, ou pode ser em um vasinho?”. Melissa Flôres, tem um trabalho sensível, que se estrutura em gestos simples, anônimos, no qual pretende levar algo novo a pessoa que se dispõe a pegar um dos quase dois mil envelopes feitos para a “ocorrência”, e descobrir a partir do cultivo e carinho o segredo da flor que brotará. A proposição a faz refletir sobre um grande jardim acontecendo a distância, em diversos lugares, um brotando em relação ao outro e unidos por gestos de carinho, como comenta a própria artista.





Imagens das ações de Melissa Flôres para ocorrência *Jardim Secreto*

Dando continuidade ao meu trabalho de conclusão de curso realizado no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas em 2011, produzi um jardim feito especialmente para a exposição dos formandos de Artes Visuais em 2012. O trabalho foi intitulado *Em torno do Jardim*, e foi construído pensando no espaço da galeria de arte “A Sala”. A exposição contava com quatorze artistas, sendo que doze deles utilizariam as paredes para mostrar seus trabalhos, ficaria então para mim e outra colega o espaço central. Como preencher este espaço dando conta dele, mas sabendo que somente algumas espécies de plantas poderiam ficar por um mês em exposição sem sofrer a morte?

Durante aproximadamente um mês, criei e construí uma peça feita em cerâmica com diversos vasos em miniatura, dispondo alguns deles em um grande “prato” também de cerâmica onde eram fixados. Outros vasos ficaram independentes para que pudesse organizar durante a montagem. Todos eles serviram como suportes, uns para as plantas, outros como forma de irrigação, já que, não sendo um jardim convencional de uma casa, necessitava de um dispositivo que permitisse que aos finais de semana, as plantas pudessem se abastecer com alguma umidade. O trabalho com o *Jardim* também exige que se tenha um acompanhamento das plantas, um cuidado e envolvimento, muitas vezes não somente meu. É preciso que o mediador da exposição se sensibilize e ajude a cuidar do trabalho. Foi feita uma pesquisa e pensada uma forma de aquecer e iluminar as plantas artificialmente para que elas continuassem a crescer e se alimentar durante este mês de apresentação do trabalho. Foram

usadas duas lâmpadas que eram trocadas quando necessário. Durante a semana ficava uma lâmpada alógena que era desligada durante a noite, no sábado e domingo a lâmpada era trocada por uma fluorescente mais fraca, pois ficaria acesa durante o dia e a noite. O cuidado era necessário para que as plantas não sofressem um estresse e enfraquecessem. A peça cerâmica e os pequenos vasos foram organizados em cima de um torno e placas de madeira, que são usados normalmente como suportes para confecção de peças cerâmicas, e serviram como uma espécie de escada para a conformação geral da peça.

Todo este trabalho foi uma experiência, pois não sabia como as plantas se comportariam. Quase ao final da exposição, constato que as plantas suportaram para além de minhas expectativas. Funcionou como um laboratório, pois pude observar além das questões técnicas de sobrevivência e disposição do lugar a ser montada a peça, a reação e interação das pessoas com a presença de plantas em um lugar amplo, impessoal, onde as pessoas circulam distantes entre produções artísticas. O trabalho *Em torno do jardim* leva um pouco de vida e aconchego para a sala de exposição. Funcionando como um oásis, um “mundo” paralelo, criado entre, em torno e dentro do universo das plantas que o compõem. Esta obra/jardim está em constante movimento e transformação, diferente dos outros trabalhos dispostos nas paredes e no centro junto ao meu, não necessitam de cuidados especiais, não é necessário que os artistas estejam presentes no momento da montagem. O trabalho *Em torno do jardim* me coloca em uma posição diferenciada por estar lidando com plantas vivas, exige que eu mesma faça a montagem e que o acompanhe durante toda a exposição.



Imagens da peça *Em torno do Jardim*

REFERÊNCIAS:

ARGAN, Giulio C. **Arte moderna**. Trad. Denise Bottmann e Federico Carotti. – São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BARCELOS, Daniel C. **Uma viagem pela história dos jardins**. s/d. Disponível em: <<http://www.jardimdeflores.com.br/PAISAGISMO/A05daniel.htm>> Acesso em: 17 de junho de 2012.

FERVENZA, Helio. SANTOS, Maria Ivone dos. **Prosa de jardim 2**. 2008. Disponível em: <<http://www.heliofervenza.net/arquivo/proposicoes/jardim/index.htm>> Acesso em: 9 de junho de 2012.

FLÔRES, Melissa. **Ocorrências secretas**. Fotografias de Melissa Flôres e André Luis Fávero, convidados: Jailton Moreira e Maria Helena Bernardes. – Porto Alegre: Edição do Autor, 2010.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. – São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SEGANA, H. **Ao amor do público**. Jardins no Brasil. – São Paulo: Nobel, 1995.